



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

INFORMAÇÃO E EDUCAÇÃO: INTERFACE ÚTIL NA CONSTRUÇÃO DE INTELIGÊNCIAS COLETIVAS¹

Giuliana Cavalcanti Vasconcelos

Mestranda em Educação do Programa de Pós-graduação em Educação
Universidade Federal da Paraíba

RESUMO: A sociedade da informação vem requerendo a atuação de indivíduos a partir de suas competências singulares. A aprendizagem está sendo considerada como a essência do trabalho. A informação já foi algo de importância apenas para alguns. Porém, a tecnologia informacional tem se desenvolvido amplamente de forma que possibilita múltiplas para a formação de grupos sociais alimentados por inteligências coletivas. Neste trabalho apresentamos um aporte discutível sobre uma necessária interface entre informação e educação para o desenvolvimento de inteligências coletivas.

“Não somente ‘os outros fazem parte de nós, mas nós também fazemos parte dos outros. Tudo o que pensamos, dizemos ou fazemos terá cedo ou tarde, uma contrapartida na existência dos outros, pois participamos de suas experiências. (...) Estamos em implicação recíproca porque não somos corpos limitados por uma bolsa de pele, nem imagens sociais, mas fluxos de experiência, de vulneráveis sensibilidades, corações, almas, consciências”.
(Lévy, 2001a)

¹ Trabalho apresentado na Sessão de Comunicações – Temas Livres, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 03. setembro.2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Introdução

Estamos vivendo a sociedade da informação. Compreender as suas características, limites e implicações para a educação é relevante para a formação de novas gerações.

Vislumbrar possibilidades de interação para o desenvolvimento de uma conexão planetária é uma utopia discutível, mas não impenetrável. Aqui, procuramos alimentar um desejo de viver através da partilha de conhecimentos.

Viver uma intersubjetivação através da comunicação já é possível, em escala antifronteiriça, através dos meios informacionais multimidiáticos. As tecnologias informacionais são suportes para o desenvolvimento de inteligências coletivas.

Neste trabalho, apresentamos algumas características da sociedade da informação, nossa opção quanto ao significado de informação, as dimensões entre certezas e incertezas da sociedade da informação e suas implicações para a educação.

Apresentamos, discutivelmente, significados que nutrem nossas expectativas quanto à construção de inteligências coletivas. Vislumbramos possibilidades que espelham utopias necessárias ao mundo vital.

Compreendendo a sociedade da informação

O uso da informação é uma atividade importante para o desenvolvimento de qualquer sistema social. Hoje, ela é considerada como um significante essencial para a tomada de decisões e ação estratégicas.

Compreendemos que a informação não é uma medida do sistema, mas o sistema em si. Ela como uma criação humana, é uma representação subjetivada da própria humanidade. A informação ao mesmo tempo em que é filtrada na criação humana, ela filtra a própria humanidade.

Neste trabalho optamos, o que para alguns poderia ser pura utopia, em compreender a informação não como um estoque obsoleto, de exclusividade para alguns, degeneração da capacidade humana e limitada eficiência para a identidade terrena.

Optamos em compreender a informação como uma criação relevante, como uma tecnologia que tem sua força na condição do indivíduo. A informação só faz sentido real



para a sociedade na presença do indivíduo e na especificidade situacional que lhe é dada.

A informação hoje está sendo compreendida como a matéria-prima do desenvolvimento tecnológico. É matéria-prima para agir sobre a tecnologia, como também a própria tecnologia é um mecanismo para agir sobre a informação (CASTELLS, 2000).

A informação vem sendo compreendida como a base material da sociedade. A sua essência paradigmática é uma parte integral da humanidade. A informação (in)filtra a sociedade num mesmo dinamismo em que é filtrada pela própria sociedade.

Hoje, tecnologia e informação são abstrações sociais que se desenvolvem reciprocamente. Seus efeitos espelham uma simetria transcendental que penetra nas especificidades dos sistemas sociais.

De acordo com Castells (2000) graças a este desenvolvimento informacional tecnológico, uma configuração topológica transfigura uma criativa cartografia relacional: um sistema de redes informacionais flexíveis com amplas possibilidades de interação planetária.

São possibilidades presentes na integração global da produção, na fragmentação das identidades, nos interiores dos movimentos sociais, nas conexões estratégicas de indivíduos, grupos, regiões e países.

As possibilidades que surgem desse desenvolvimento informacional dão aporte à chamada sociedade da informação que compreendemos como uma sociedade que se transcende numa teia de relações informacionais tecnológicas, em pontos de mutações e intersubjetivações comunicacionais.

O âmago da sociedade da informação não é *“a centralidade de conhecimentos e informação, mas a aplicação desses conhecimentos e dessa informação para a geração de conhecimentos e de dispositivos de processamento/comunicação da informação, em um ciclo de realimentação cumulativo entre a inovação e seu uso”*(CASTELLS, 2000, p.50).

A sociedade da informação vem se realizando em âmbito planetário com interfaces políticas, econômicas e sociais estrategicamente diferenciadas. Sua realização se vitaliza na utilização da informação tecnológica no oceano da diversidade cultural.



A grande navegação: um oceano que abriga certezas e incertezas

Compreendemos que fazemos parte de uma comunidade mundializada e concretizada pelas realizações e possibilidades de interatividade comunicacional aberta, em tempo real e a distância através das mídias informativas para a comunicação.

O planeta não é apenas mais um astro do universo ou um aglomerado de nações, é um complexo de relações desterritorializadas por meio de tecnologias que estreitam as distâncias e desfazem as fronteiras da comunicação.

Agora, multiplicam-se as possibilidades de fragmentação das identidades e de mutação cognitiva de um indivíduo que expresse e transforme a sua exclusão, através de um pensamento coletivo. É neste horizonte que uma nova estrutura social interconectada e planetária se concretiza, estabelecendo novas relações refletoras de um novo indivíduo e uma nova geografia filtrados pela virtualidade real.

Para Ianni (1999) a comunicação parece ser a constelação da modernização, apresentando-se sob uma teia de astros multimidiáticos e articulados entre si alcançando todo o planeta. Nesta teia expressam-se idéias, padrões e valores sócio-culturais que disseminam o modo pelo qual a multiplicidade de identidades sitiam, repousam e repovoam evolutivamente, como um espiral, os espaços complexos do universo.

Para Ianni (1999, p.21) esta interconexão planetária expressa o movimento de uma aldeia global alicerçada pela mídia eletrônica que passa a desempenhar “*o singular papel de intelectual orgânico dos centros mundiais de poder, dos grupos dirigentes das classes dominantes*”. Esta mídia, embora seja matizada em âmbito local, regional ou nacional, adquire o caráter de um singular e insólito intelectual-orgânico articulado às instituições predominantes nas relações que tecem o mundo, desvelando novas geopolíticas e geoeconomias regionais e mundiais.

Ianni (1999) esclarece que a mídia, em consonância com centros de poder de extensão mundial, apresenta as relações como um caleidoscópio transfigurando os acontecimentos sob uma subjetivação desterritorializada e múltipla. Neste jogo, ela expressa multifariamente as fragmentações, diversidades, desigualdades, conflitos, acontecimentos e acomodações presentes em seu alcance mundial.



Para ele, agora, o indivíduo apresenta-se como um elo de articulações local, regional, nacional e mundial através de deslocamentos de pontos de referência dispersos e desterritorializados. A vida social, as empresas, a música, as igrejas, as escolas, a guerra, tendem a organizar-se eletronicamente, adquirindo reconfigurações em redes informáticas de interconexão. A nova estrutura social compreende processos de dominação política e de apropriação econômica que se movem, ilimitadamente, desterritorializando realidades e identidades.

Ao mesmo tempo em que a mundialização estende-se, acontece um evento simultâneo, cria-se e generaliza-se uma cultura da mundialização como produto e condição própria para que se dissemine a sua germinação. Para Ianni (*ibid.*, p.125) os elementos que constituem o novo processo são “*dísparos, convergentes e contraditórios, antigos e renovados, novos e desconhecidos.*”. O principal entrecosto deste é a mercantilização universal que constitui um hipertexto complexo composto de interfaces inteligíveis através do arranjo ciberespacial-informático.

Na teoria de Ianni (1999), o novo indivíduo embrionado no sistema mundializado se apresenta num perfil multifacetado. Tendenciosamente, uma nova conduta reconfigura um indivíduo intelectual-orgânico que expressa formas mutantes e excepcionais adquiridas no âmbito das relações antifrnteiças que, relativamente, subvertem as condições de vida política dos povos e as formas de produção e manutenção das hegemonias políticas.

São intelectuais diversos com façanhas empreendedoras e proliferantes que atuam em diferentes lugares, com diversas especialidades, articulados em nós de redes digitais telemáticas e de comunicação internacional que influenciam a formação e o conformismo da opinião pública.

Neste contexto acontece sob uma força vital uma metamorfose da mídia simultaneamente à complexidade do desenvolvimento do indivíduo intelectual-orgânico. Aquele que representa e manipula as diversas linguagens e técnicas pode estender a sua representação aos extremos.

Ianni (1999) entende que os meios de comunicação estão na parte mais íntima da cultura, na representação e na imaginação da humanidade. Ele expressa que a mídia pode ser um emblema de uma representação coletiva em amplas proporções que pode



determinar a si mesma e expandir sua influência no imaginário de muitos, transfigurando o real em virtual reciprocamente.

Para Castells (2000) as sociedades estão passando por uma nova morfologia social. O novo paradigma da tecnologia da informação expande uma condição material de existência de uma rede penetrante em diversos cantos da estrutura social. Através dos fluxos informacionais que são recebidos e emitidos na arquitetura midiática da nova sociedade, os nós da rede são fontes cruciais de dominação e transformação da própria sociedade.

Para ele o ciberespaço é uma estrutura social que permite a informalidade e a capacidade auto-reguladora de comunicação, sob um desvelamento de multipersonalizações descentralizadas e autogerenciadas que certamente, num futuro próximo, se estenderá através do sistema educacional abrangendo maiores proporções da população mundial, não sendo restrito às elites.

A sociedade em rede para Castells (*ibid.*, p.484), emerge e se desenvolve exercendo elementares filtrações na cultura: “*o que deve ser considerado é o isomorfismo simbólico dos processos de trabalho, serviços feitos em casa e entretenimento na nova estrutura de comunicação*”.

O sexo via computador é um outro emprego e está em rápida expansão, o temor de doenças contagiosas e de agressões pessoais, são motivos ou justificativas para os que buscam expressar a sexualidade através do contato virtual. Para Castells (*ibid.*) a disponibilização de informações na rede provoca uma mudança no envolvimento cognitivo e sensorial do indivíduo, relativa à facilidade de manuseio de diversas interfaces num mesmo momento.

A Milícia Norte-americana nos Estados Unidos e os Zapatistas no México são exemplos de organizações políticas que utilizam o ciberespaço para promover interações e difundir os seus interesses. Assim, desenvolvem-se comunidades virtuais de interatividade comunicacional autogerenciáveis em torno de um interesse compartilhado (CASTELLS, 2000). A sociedade em rede possibilita uma ampliação das comunidades virtuais e redes sociais independentemente da localização geográfica e em tempo real.

A estrutura multimidiática da nova sociedade tende a encerrar a separação entre educação popular e erudita, mídia audiovisual e impressa, entretenimento e informação,



educação e persuasão, etc. A nova sociedade se desvela num ambiente simbólico, de interfaces, múltiplas imagens e sons que fazem da virtualidade a realidade.

O que germina deste estado é uma virtualidade-real: *“é um sistema que a própria realidade (...) é inteiramente captada, totalmente imersa em uma composição de imagens virtuais no mundo do faz-de-conta, no qual as aparências não apenas se encontram na tela comunicadora da experiência, mas se transformam na experiência”* (CASTELLS, 2000, p.395).

A capacidade de abrangência de múltiplas expressões culturais leva a sociedade em rede a comportar uma infinidade de caminhos que se entrelaçam, desencadeando importantes efeitos nos processos sociais, podendo enfraquecer os aparelhos tradicionais de conservação dos hábitos morais como, por exemplo, a igreja.

As sociedades tendem a perder o encanto de práticas sociais tradicionais para penetrar num mundo de imagens autoconstruídas, despojadas de suas localidades geográficas. A multiplicidade de nós que compõem a rede informacional torna-se a referência para a formação e orientação do espaço cibernético, ultrapassando os poderes contidos nas práticas sociais para incorporar o poder dos fluxos informacionais que incorporam a sua estrutura.

Castells (*ibid.*) constata que a humanidade travou sua primeira relação com o mundo quando, na pré-história, tentou sobreviver às diversidades da natureza. A segunda, quando conquistou sua libertação da natureza, mas submeteu-se à opressão e exploração da própria humanidade.

A terceira, na qual a humanidade encontrá-se hoje, é o desafio em aplicar o conhecimento de forma que se desenvolva um mundo predominantemente social, reconstruindo a natureza como uma cultura ideal. Desta forma no ciberespaço, na nova estrutura social de interconexão desterritorializada e mundializada, a informação representa o principal elemento para a organização social da humanidade.

A educação na sociedade interconectada: alimentando utopias

As políticas públicas educacionais parecem ignorar a realidade da dimensão planetária que a humanidade vem tomando. A educação necessita ser planejada situando



a diversidade de informações em um contexto, a partir do estabelecimento de relações mútuas e influências recíprocas no dinamismo da complexidade humana (MORIN, 2001).

Neste contexto, a educação navega num oceano de certezas e incertezas requerendo, relativamente de todos que a ocupam, o desenvolvimento de interações estratégicas e comunicacionais como um interesse vital acerca da compreensão da complexidade da sociedade.

Para Lévy (2001b) o planejamento educacional precisa ser fundado numa reflexão a partir de uma análise da mutação da sociedade informacional em relação ao saber. A dinamicidade da renovação de saberes, a comercialização dos conhecimentos, a significação do trabalho como produção de conhecimento e a mutação cognitiva humana em consonância com o desenvolvimento das inteligências artificiais, favorecem uma profunda multiplicidade de possibilidades para a humanidade.

São potencialidades que podem vitalizar o desenvolvimento da inteligência coletiva dos grupos humanos e (in)filtrar o mundo sistematizado simetricamente à subjetividade do mundo vital.

Para Lévy (2000, p.28) a inteligência coletiva *“é uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências. (...) A base e o objetivo da inteligência coletiva são o reconhecimento e o enriquecimento mútuo das pessoas, e não o culto de comunidades fetichizadas ou hipostasiadas”*.

Esta inteligência esta em toda parte porque o saber é um significante e significado partilhado, está na humanidade. Ninguém sabe sozinho ou a partir do nada, o que sabemos está na intersubjetivação intrínseca à natureza humana.

A valorização da inteligência coletiva depende da não subestimação que a própria humanidade lhe destina. O seu desenvolvimento depende da nutrição cultural que os grupos humanos desenvolvam.

As tecnologias informacionais em dinâmicas digitais desenvolvidas nas últimas décadas possibilitam o desenvolvimento de inteligências coletivas em tempo real e sem fronteiras territoriais. São tecnologias que permitem o redesenho dos sistemas



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

comunicacionais possibilitando uma mobilidade virtual de interações reais vitais à natureza subjetiva dos grupos sociais.

Para vitalizar o desenvolvimento da inteligência coletiva dos grupos humanos e (in)filtrar o mundo sistematizado simetricamente à subjetividade do mundo vital, necessariamente o indivíduo tende a atingir uma mobilização efetiva de suas competências cognitivas.

Mas para que isso aconteça, é preciso identificar e reconhecer a diversidade de competências cognitivas que mobilizam a mentalidade humana. Para planejar e desenvolver uma inteligência coletiva é preciso que o indivíduo reconheça em si o oceano da sua capacidade para que se possa pensar e aprender colaborativamente.

Compreendemos que pensar e aprender juntos é compartilhar e nutrir o desenvolvimento de um mundo vital que para Habermas (1990) é formado no cerne da vida social, constituindo-se em significados corporificados por conhecimentos constituídos e manifestados através de planos de ação cooperativos, linguagem, atividades dirigidas que originam expressões significantes – como a arte, tecnologia, cultura etc., institucionalizações sistemático-sociais e estruturas de personalidade.

Para Brennan (1999) o mundo da vida da teoria habermasiana é considerado como um agrupamento de sentidos complexos – cultura, sociedade e as estruturas da personalidade – do qual indivíduos socializados alimentam-se para um entendimento e ação intersubjetivados.

Compreendemos que pensar em uma inteligência coletiva é refletir acerca dos significados que emergem das competências cognitivas individuais que podem se constituir em reciprocidade de singularidades.

Para Lévy (2000) as interfaces que emergem da singularidade, da individualidade, podem constituir-se numa reciprocidade de subjetivações filtrando pensamentos coletivos.

Para ele estamos vivenciando um crescimento, a infância da sociedade informacional, da sociedade interconectada e este é o momento crucial para que possamos refletir coletivamente, renovar as relações e tentar resolver os problemas que afetam a humanidade, criados no seio dos grupos sociais.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

A intersubjetivação, necessária ao desenvolvimento de inteligências coletivas, pode ser vivenciada sem fronteiras na dinâmica da rede informacional. *Internet*, televisão, música, rádio etc. compõe uma multimídia informacional que pode ser usada para a manifestação intercomunicacional necessária às inteligências coletivas.

Essa intersubjetivação vivenciada através do uso de tecnologias da informação e comunicação pode ser um âmago da formação educacional no contexto da sociedade informacional.

Compreendemos que é preciso aprender a navegar num oceano de profundidades diversas sobre balsas de interesse coletivo. É necessário que a educação seja planejada a partir de reflexões críticas sobre a tripla realidade humana: indivíduo, sociedade e espécie. É preciso compreender a complexidade da crise planetária do século XX, reconhecendo que a humanidade confronta-se internamente com problemas comuns entre os indivíduos. (MORIN, 2001).

Bibliografia

BRENNAND, Edna Gusmão de Goés. Reabrindo uma janela sobre a pedagogia do diálogo: a contribuição de Jürgen Habermas. Trad. da autora. In: _____. *Éducation et globalisation: un dialogue entre Paulo Freire et Jürgen Habermas*. Thèse (Doctorat in Sociologie) – Université de Paris I – Panthéon Sorbonne, 1999.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. Trad. de Roneide Venâncio Majer. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

HABERMAS, Jürgen. Guinada pragmática. In: _____. *Pensamento pós-metafísico: estudos filosóficos*. Trad. de Flávio Beno Siebeneichler. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990. (Biblioteca Tempo Universitário, Estudos Alemães, 90).

IANNI, Octavio. A aldeia global. In: _____. *Teorias da globalização*. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

LÉVY, Pierre. *A conexão planetária*. Trad. de Maria Lúcia Homem e Ronaldo Entler. São Paulo, 34, 2001.

_____. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. Trad. de Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Loyola, 2001.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

_____. *Cibercultura*. Trad. de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: 34, 2000. (Trans).

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Trad de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 4. ed. São Paulo: Cotez, 2001.